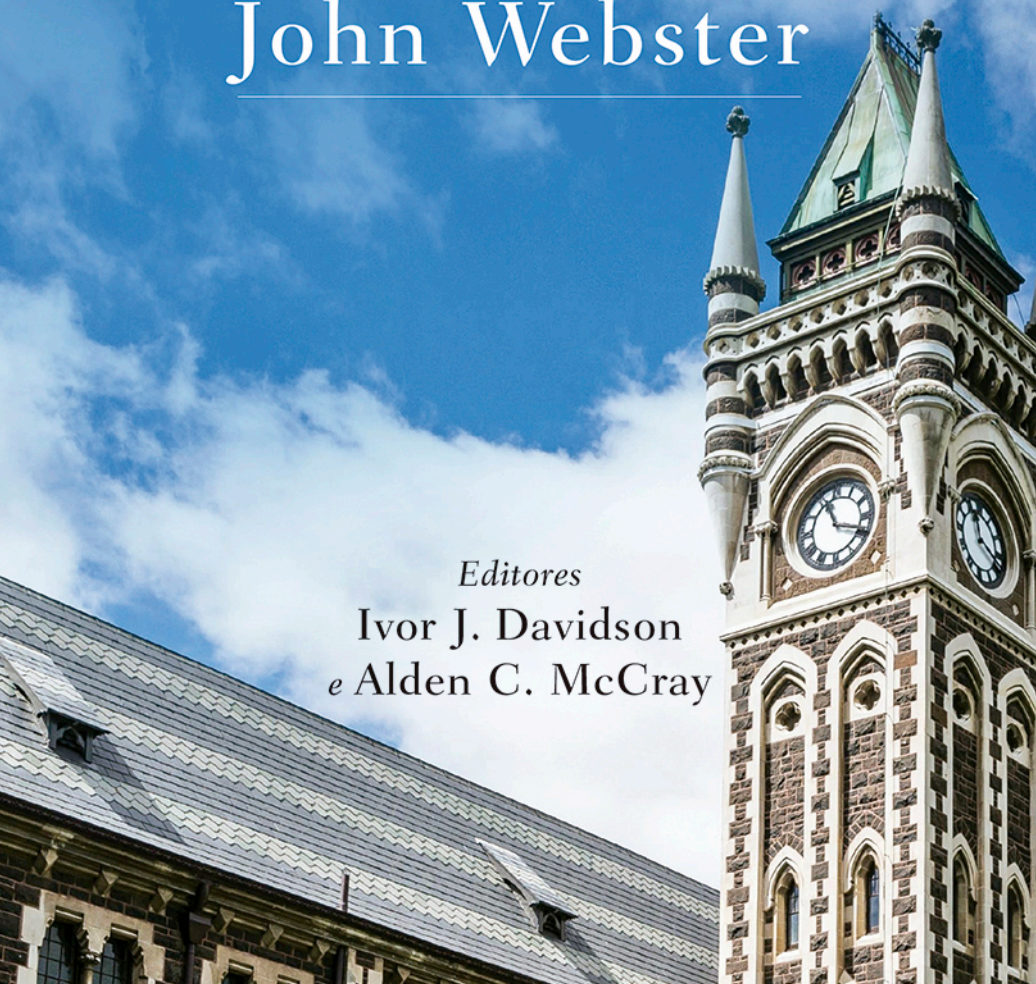


A
CULTURA
da TEOLOGIA

John Webster

Editores

Ivor J. Davidson
e Alden C. McCray



Por que um teólogo tão centrado em Deus como John Webster ficaria meditando de modo constante sobre a cultura da teologia, as tarefas da teologia, a tradição cristã, faculdades universitárias e assim por diante? Ele faz isso a fim de se dirigir aos leitores em meio à sua (nossa) perda de interesse teologicamente escandalosa em Deus e Cristo e para exclamar: Deus está chamando você, o *eschaton* (o próprio Cristo) irrompeu entre vocês, as Escrituras estão comunicando a Palavra de Cristo no Espírito! Quando Cristo é reconhecido como quem ele é, a teologia pode se redescobrir como quem ela é: uma resposta alegre ao Senhor ressurreto. Deixe os teólogos serem cristãos para que, dessa forma, eles realmente tenham algo a dizer uns aos outros, à universidade e ao resto do mundo.

Matthew Levering, Mundelein Seminary.

É extraordinário termos *A cultura da teologia* de Webster editada e disponibilizada a novas gerações de leitores nesse ótimo livro. Considero-me afortunado pelo desafio nesses capítulos — empenhar-se para pensar sobre a teologia, seus métodos, objetivos e práticas, teologicamente — ter sido apresentado a mim durante meu tempo como estudante e por ter sido instigado a lidar de maneira contínua com as possibilidades e os riscos de praticar teologia no espaço escatológico criado pelas “boas-novas impressionantes de Jesus Cristo”. Esse livro é um convite cativante para outros fazerem a mesma coisa.

Philip G. Ziegler, University of Aberdeen.

SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i>	9
Introdução <i>Ivor J. Davidson</i>	11
1. Cultura: <i>a fisionomia da prática teológica</i>	65
2. Textos: <i>as Escrituras, a leitura e a retórica da teologia</i>	89
3. Tradições: <i>teologia e a aliança pública</i>	113
4. Diálogos: <i>interagindo com as diferenças</i>	135
5. Crítica: <i>revelação e transtorno</i>	157
6. Hábitos: <i>cultivando a alma do teólogo</i>	177
<i>Bibliografia</i>	199
<i>Índice remissivo</i>	211

AGRADECIMENTOS

NA MAIORIA DOS LIVROS, os autores agradecem àqueles que os ajudaram; neste livro, sobretudo são os outros que devem agradecer ao autor. Os editores registram, com satisfação, sua dívida permanente para com John Webster, pelo estímulo da sua obra. Tem sido um privilégio, como sempre, dedicar um tempo à sua obra e aprender de novo com ela. Eles também são gratos a todos que facilitaram o escasso trabalho que tiveram aqui: aos editores de *Stimulus*, pela permissão generosa de apresentar o texto nessa nova forma, e a Fiona Sherwin, em especial, pela sua considerável ajuda; a Dave Nelson, da Baker Publishing Group, pelo seu grande entusiasmo com o projeto e por sua habilidade e generosidade em encaminhá-lo à publicação; a Melissa Blok e seus colegas, pelo seu trabalho dedicado na imprensa.

Outras pessoas encorajaram o empreendimento ou foram instrumentos para que ele acontecesse. Ivor Davidson, em especial, tem o prazer de expressar sua gratidão ao seu antigo colega na Universidade de Otago, o professor Paul Trebilco, pelo seu papel imprescindível na organização das Burns Lectures, em 1998, e acredita que a leitura dessas palestras reacenderá memórias do tempo tão agradável desfrutado com John e sua família, em Dunedin,

naquela ocasião. Receber e organizar essas preleções com Paul e outros colegas, em Otago e em outros lugares na Nova Zelândia, foi um grande prazer. Outras discussões abrangentes desse material, desde então, com alunos ao longo dos anos, intensificaram o reconhecimento de sua profundidade e produziram, invariavelmente, uma lembrança das riquezas que ele contém. Que esta edição possa tornar esse material ainda mais atrativo e estimule outras conversas frutíferas. Acima de tudo, nossa esperança é que os leitores se apropriem de tudo que for verdadeiro e sábio na visão da teologia apresentada aqui e que seja aplicado para a glória do Deus do evangelho.

Alden McCray é grato a Louise pelo seu encorajamento constante: ela o apoiou neste projeto de forma especial, compartilhando da sua gratidão profunda por John. Ivor Davidson nunca realiza nada, nem poderia imaginar fazê-lo, sem Julie e Catriona.

INTRODUÇÃO

Ivor J. Davidson

O QUE VEREMOS NESTE PEQUENO VOLUME é uma breve descrição da natureza e das tarefas da teologia cristã. O tema absorveu o autor durante toda sua vida; essa expressão específica do seu pensamento tem sido uma joia um tanto negligenciada do seu legado literário.

John Webster foi um teólogo no sentido mais estrito do termo, um teólogo de teólogos.¹ Se houve algum indivíduo na história recente da disciplina que refletiu sobre o que significa fazer teologia cristã “teologicamente” — em contraste com algum outro modo de fazê-lo —, esse indivíduo foi ele. O que encontramos aqui é uma expressão dessa perspectiva e algumas de suas implicações práticas. As ênfases concernem a uma fase específica do desenvolvimento do autor e não correspondem exatamente à maneira que ele se expressaria mais tarde. Para Webster, uma cátedra em

¹Para uma breve visão geral da sua carreira, veja Ivor J. Davidson, “John”, in: R. David Nelson, Darren Sarisky, Justin Stratis, orgs., *Theological theology: essays in honour of John Webster* (New York: Bloomsbury T&T Clark, 2015), p. 17-36; veja também Ivor J. Davidson, “In Memoriam: John Webster (1955-2016)”, *International journal of systematic theology* 18 (2016): 360-75.

Oxford representava uma realização de meados da sua carreira;² a confecção de *A cultura da teologia* se deu em seu segundo ano nessa posição. Anos depois, ele julgou que certos aspectos de seu trabalho naquele período careciam de nuances ou precisavam ser mais bem definidos; as intuições subjacentes poderiam ser mais bem expressas — e com menos risco de distorção — ao salientar várias outras ênfases, localizando as práticas da teologia em uma escala ainda mais específica, mas também maior. Algumas diferenças viriam à tona. Mas o argumento, nesse escrito, expõe diversos princípios com os quais Webster permaneceu fortemente comprometido e apresenta a visão essencial de seu tema, da qual ele não se afastou de modo significativo. O texto oferece indícios de como essas convicções haviam se formado naquele estágio da sua carreira e de alguns dos seus interesses centrais no período.

Embora o tamanho da obra seja relativamente modesto, ela permanece um dos exemplos mais completos e integrados do pensamento de Webster sobre o modo como a prática da teologia deve ser abordada. Ele prosseguiu escrevendo outros estudos que desenvolvem vários desses temas e definem melhor suas colocações. A intenção era que esses estudos servissem de introdução à uma exposição de teologia sistemática em vários volumes, nos quais ele apresentaria sua percepção da disciplina como um todo — o ápice de mais duas décadas de reflexão. Sua morte inesperada, em 25 de maio de 2016, nos privou disso: nem sequer a primeira parte do projeto seria concluída. Webster via *A cultura da teologia* como um ponto de partida; da forma como está, a obra é um dos seus

²Webster foi professor de Teologia da cátedra Lady Margaret, na Universidade de Oxford, de 1996 até 2003. Antes disso, ele havia exercido cargos em St. John's College, Durham (1982-1986), e Wycliffe College, Toronto (1986-1996). Ele deixou Oxford para ser professor de Teologia Sistemática, na Universidade de Aberdeen (2003-2013). Sua última posição foi professor de Teologia, na Universidade de St. Andrews (2013-2016).

esforços mais substanciais para refletir de modo holístico sobre os privilégios, os recursos e as responsabilidades do trabalho teológico. Ele considerava o texto rudimentar: tímido, comprometido demais com a linguagem de práticas culturais, não claro o bastante, ainda, acerca de uma doutrina da Criação, da história ou da profusão da bondade de Deus como fundamento de suas obras exteriores e, portanto, como o princípio e o fim de tudo o que o teólogo é e realiza. Tratava-se de um empreendimento introdutório e bastante breve de uma questão ampla; havia refinamentos à vista e diversos deles foram esboçados. No entanto, essa pequena obra nos apresenta muita coisa em um estilo que permaneceu próprio do autor; em sua elegância, coerência e poder conceitual, ela oferece uma exposição magistral, embora curta, daquilo em que consiste a teologia cristã e do que significa levá-la a sério.

Webster escreveu e apresentou o material como uma série de seis palestras, as Thomas Burns Memorial Lectures, na Universidade de Otago, Dunedin, Nova Zelândia, em meados de agosto de 1998. A série contribuiu para uma tradição acadêmica ilustre, dotada do nome do primeiro chanceler da mais antiga universidade da Nova Zelândia. As palestras foram feitas durante um período de duas semanas³ e estavam abertas a uma plateia diversa — teólogos e estudiosos da Bíblia, acadêmicos de outras disciplinas, líderes eclesiásticos e o público em geral. Elas foram publicadas, pouco tempo depois, no jornal neozelandês *Stimulus*, mas não foram reimpressas em outro veículo.⁴ A instrução que elas proporcionaram

³Palestras 1 a 3 na primeira semana; 4 a 6 na segunda. Versões das preleções também foram proferidas em outros locais na Nova Zelândia; contribuíram com apoio financeiro para a visita de Webster a Universidade de Otago, a Presbyterian Church Synod of Otago and Southland, a Igreja Anglicana e a Bible Society New Zealand.

⁴*Stimulus* 6, n. 4 (novembro de 1998): 2-23 (palestras 1 a 3); *Stimulus* 7, n. 1 (fevereiro de 1999): 2-20 (palestras 4 a 6). As versões publicadas reproduzem o manuscrito preparado para as preleções, incluindo suas expressões idiomáticas.

foi apreciada por aqueles que a conheciam; agora, já passou da hora de aumentar o número de seus beneficiados.

I

O argumento geral de Webster é bem simples. O contexto principal da teologia não é, propõe ele em sua palestra de abertura, seu contexto intelectual ou social, mas o “mundo que é trazido à existência pelas boas-novas impressionantes de Jesus Cristo” (p. 65). O discurso e o pensamento cristãos sobre Deus e sobre todas as outras coisas em relação a Deus são aspectos da *cultura* cristã: eles ocorrem, antes de tudo e sobretudo, em um espaço *escatológico*, a esfera em que a fé e a vida cristãs existem pelo milagre da graça de Deus. A teologia cristã floresce quando tem raízes profundas nesse terreno; ela definha quando suas tarefas são executadas sem conexão com as tradições de crença e prática que são o único meio em que seu trabalho pode prosperar. Na modernidade tardia, a prática da teologia foi inibida menos por circunstâncias externas — os desafios apresentados por um ambiente intelectual, social ou político — e mais pela desordem interna. Demasiadas vezes, a teologia foi

O texto que se segue neste volume reproduz isso com permissão, embora correções tipográficas e estilísticas secundárias tenham sido feitas e a presente versão adote o estilo americano. As citações e referências de Webster foram padronizadas e em diversos pontos corrigidas. As divisões textuais nas palestras são de Webster. Os presentes editores também tiveram acesso a uma cópia datilografada do escrito original de Webster para as palestras que, em certo ponto, apresentava um segmento de texto que estava ausente (com perda do sentido) na versão do jornal *Stimulus*: veja a palestra 6 (p. 177). Uma versão grosseiramente editada do escrito datilografado para a palestra 2 constitui a seção principal do ensaio publicado como John Webster, “Scripture, reading, and the rhetoric of theology in Hans Frei’s analysis of texts”, in: Georgy Olegovich, org., *Ten year commemoration to the life of Hans Frei (1922–1988)* (New York: Semenenko Foundation, 1999), p. 41–53; isso talvez esclareça a representação de um parágrafo na palestra 2 (p. 89). Todas as correções editoriais substanciais ou comentários adicionais no presente volume aparecem entre colchetes nas notas de rodapé.

deslocada do seu contexto mais fundamental; ela perdeu de vista os recursos, as responsabilidades e as perspectivas proporcionadas pela situação. A solução reside na “reintegração” da teologia cristã à verdadeira cultura da fé cristã — a igreja, seus textos e suas tradições — e no emprego de categorias genuinamente teológicas na concepção e na prática do trabalho teológico. Qualquer que venha a ser seu contexto histórico, aqueles que praticam a teologia precisam cultivar hábitos da mente e da alma condizentes com indivíduos para quem o próprio evangelho é a realidade mais importante.

A primeira palestra começa com uma tese básica: “A teologia cristã é uma atividade em uma cultura que se move em direção [ao] milagre” que é a “ampla interrupção de todas as coisas em Jesus Cristo” (p. 65). Webster, então, passa a definir melhor o que ele quer dizer com “cultura”. O termo se refere à atividade da teologia como ocorrendo em um espaço social caracterizado pelas suas próprias práticas, formas, modos de dialogar com outros mundos e estratégias para se submeter a julgamentos: a teologia é empreendida no “estranho mundo do evangelho e da igreja” (p. 67). Existindo em uma cultura, a teologia precisa ser *cultivada*, sobretudo com hábitos de leitura, tanto das Escrituras quanto de textos cristãos clássicos. Sendo assim, a teologia envolve *formação*: o fomento de indivíduos moldados pela cultura da fé cristã. “A boa prática teológica depende de bons teólogos” (p. 68).

Webster está ciente de que a linguagem da “cultura” tem limitações. A fé cristã não é simplesmente um projeto humano; por ser escatológica, ela nunca é domesticável: “A cultura da fé cristã e, portanto, a cultura da teologia, estão sob o signo de sua contradição, que é o evangelho de Deus” (p. 69). A fé e a teologia cristãs também são uma *anticultura*, “o local de uma luta contra a idolatria doméstica” (p. 70), e o cultivo da cultura cristã inclui — como traço vital — a autocrítica e o arrependimento. As atividades intelectuais da teologia não são atos mentais neutros ou formas transcendentais de juízo,